UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS EVIDENCIADAS A PARTIR DE UMA SECA EM O QUINZE (1930), DE RACHEL DE QUEIROZ

Luan do Nascimento Pereira[1]

SÃO CRISTÓVÃO

2024

[1] Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)
E-mail: luan.62.nascimento@gmail.com

O Quinze, escrito por Rachel de Queiroz (1910 - 2003), foi publicado em 1930 e está incluso na segunda fase do modernismo no cenário literário nacional. A autora nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, em 17 de novembro de 1910. Junto com a família, ela mudou-se para a Fazenda Junco, em Quixadá, localizada no sertão cearense, quando ainda tinha 45 dias de nascida e logo após três anos voltou para Fortaleza. No entanto sua família, em 1917, teve que se mudar para o Rio de Janeiro buscando fugir de uma forte seca que assolava o Ceará desde 1915 e que mais tarde inspiraria Rachel a produzir seu livro mais conhecido. Posteriormente, em 1917, voltou definitivamente para Fortaleza e iniciou a construção de sua carreira no Ceará. Começou a escrever ainda jovem, aos 17 anos, e publicou *O Quinze* dois anos depois.

O lançamento de *O Quinze* ajudou a impulsionar um movimento literário conhecido como "Romance de 30", correspondente à segunda geração do Modernismo. Movimento esse que traz como uma das principais características o Realismo Socialista, que é marcado pela objetividade, trazendo cenas de forma direta, pelo caráter descritivo e também pela ênfase em denúncias sociais, em oposição ao Romantismo. Outra característica importante é o regionalismo (nordestino), as principais obras são de autores nordestinos, que falam sobre o nordeste, que trazem uma linguagem própria do estado onde se passa a história da obra e que, principalmente, denunciam mazelas vividas pelo povo da região. Assim a professora Ângela Tamaru (2004) descreve tal contexto literário em um de seus artigos:

> O conjunto desta produção cultural responde por um objetivo específico: definir e divulgar um espaço e uma cultura nordestinos a partir dos anos de 1920 no Brasil. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional com um "ethos" cultural próprio, autêntico, avesso ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução. (Tamaru, 2004, p. 16)

A proposta de Rachel de Queiroz em *O Quinze* é trazer a seca, o sertão e os sertanejos de forma sensata, nem romantizando, nem marginalizando a vida sertaneja, seguindo fielmente à temática do período, que conta com outras obras que também trazem o sertão "nu e cru", como "Vidas Secas" de Graciliano Ramos (1938) e "A Bagaceira" de José Américo de Almeida (1928). A obra, além de tratar da forte seca que atingiu a zona equatorial do planeta em 1915, principalmente no sertão nordestino, especificamente em Quixadá, cidade do interior cearense onde habitou a autora, trata também do descaso das autoridades no tratamento da situação.

A crise climática fez secar os rios, acabou com o verde dos pastos tirando o que tinha para o gado comer, a maioria dos trabalhadores rurais perderam seus empregos por não ter mais do que cuidar e a fome se alastrou por aquela região. Rachel traz de forma escancarada a cruel realidade vivida pelos retirantes que tentavam fugir da fome em um dos personagens principais, o Chico Bento, que perde o emprego numa fazenda das Aroeiras, interior de Quixadá, e sai em retirada com a sua família (esposa, cunhada e 5 filhos) em busca de uma alternativa para que não morressem de fome, numa viagem a pé eles tiveram de enfrentar o calor escaldante de um lugar que não conhecia a chuva havia muito tempo. A fome, a sede, condições insalubres, o desconforto, o preconceito e a subtração da família os acompanhou durante a peregrinação, até que a família conseguiu migrar para São Paulo.

Paralelo à devastação trazida pela seca, a autora traz mais duas histórias que movimentam o enredo da obra, dos personagens Vicente e Conceição. Vicente era um vaqueiro da fazenda do Logradouro, homem de linguagem rústica, de pensamento conservador, de pele queimada e vestimenta encourada, que cuidava das terras da família e que resistiu persistentemente à seca, pois tinha condições para tal, mesmo sofrendo perdas no rebanho e tendo que ficar sozinho quando sua família buscou se alojar na zona urbana.

Conceição era o oposto de Vicente, moça de linguagem culta, que morava na capital, professora que tinha como hobbie ler livros de conteúdo progressista, e que engajada socialmente no auxílio aos que estavam fugindo da fome, passando as tardes num campo de concentração que recebia retirantes de variados lugares do estado do Ceará. Um potencial romance entre os dois se desenha ao decorrer do livro. Os dois evidentemente nutrem grande afeto um pelo outro, porém, o caráter realista da obra justifica o desenrolar de indiferença entre os personagens, que sem qualquer conflito concreto não terminam a obra como um casal romântico, tal desencontro se explica simplesmente pela diferença entre as vidas dos personagens, no contraste entre o sertão e a cidade.

Rachel utiliza de uma escrita detalhada dos cenários e das cenas, enriquecendo a imaginação do leitor, sendo possível projetar de forma aprofundada determinado local ou acontecimento narrado no livro apenas pela descrição realizada pela autora. Esse detalhismo também abrange os pensamentos dos personagens e os seus sentimentos a partir de determinada situação, isso fica claro quando Conceição está deitada após ter recebido uma visita de Vicente e os dois terem ficado indiferentes um com o outro. A autora utiliza uma página inteira para formular um vasto pensamento da personagem, onde em questão de algumas linhas de reflexão a moça deixou de considerar Vicente o seu inevitável futuro companheiro e passou a vê-lo apenas como alguém belo, que encantava aos seus olhos, mas não lhe era compatível a forma de viver e

se comportar, a síntese pode ser exprimida pelo seguinte trecho: “Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava.” (Queiroz, 2012, p. 63).

A autora se preocupa em ter uma linguagem simples e de fácil compreensão para o leitor, facilitando também o alcance da obra e a disseminação de um olhar crítico do público aos percalços que tanto ocorriam no país e que eram escondidos ou até mesmo tratados com naturalidade. Ela não impõe ao leitor um tipo de ideal superior ou uma opinião pronta e padronizada, mas instiga e conduz quem lê a tirar as próprias conclusões sobre problemáticas contemporâneas evidenciadas por ela ao decorrer da obra. Essa sutileza de Raquel nas palavras para abordar temas nem um pouco sutis é destacada pelo crítico Agripino Grieco (2006):

> Bom trabalho, sem dúvida, exatamente porque quase não é literatura, porque a autora, avessa a armar tempestades no tinteiro, conduziu, talvez sem pretendê-lo, uma ofensiva contra os lugares comuns da seca e do dramático cearense e, não realizando meeting em favor dos flagelados, realizou algo de mais humano, que o Brasil todo pode ler e entender. [...] Numa adolescência graciosa de tom, a narradora surpreende-nos, não pela novidade que inventa, mas pela novidade que tira da velharia [...]. (Grieco apud Bueno, 2006, p. 125)

Entre essas problemáticas abordadas no texto, está a corrupção do governo. Como forma de escape para quem sofria a miséria enfrentada por grande parte da população cearense do interior, o governo cearense começou a ceder passagens para que essas pessoas pudessem se refugiar, alimentando as suas esperanças, porém, não garantiu que essas passagens chegasse aos mais populares, permitindo que muitas vezes que essa garantia de ao menos se locomover para tentar a vida em outros lugares, fosse dizimada pela omissão das autoridades. Isso fica claro na obra quando o personagem Chico Bento vai ao centro de Quixadá para solicitar as passagens que o governo supostamente fornecia, no entanto o funcionário público encarregado de repassar as passagens ao invés de dar a quem precisasse, negocia-as com quem pagasse mais:

> Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos. [...]
>
> Na porta, o homem ainda o consolou: — Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! [...]
>
> Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

> — Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!
> O Zacarias segredou:
> — Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...
> Os olhos do vaqueiro luziram:
> — Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!...
> — Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...
> Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:
> — Cambada ladrona! [...] (Queiroz, 2012, p. 26)

Outro imbróglio trazido por Rachel de Queiroz é o descaso das autoridades com a classe trabalhadora rural que buscava refúgio na capital. Para impedir que a capital Fortaleza fosse tomada por retirantes, como havia acontecido na última grande seca, em 1887, o governo do Ceará estabeleceu os chamados "Campos de Concentração", foram construídos 7 desses na época, localizados estrategicamente nas proximidades das ferrovias, para impedir que as pessoas se encaminhassem para o centro da capital, como descreve a historiadora Talita Cavalcante (2015):

> Alguns anos depois da primeira grande seca no século XIX, em 1915 um novo episódio assolou o sertão nordestino. Mais uma vez, a nova seca fez com que diversos nordestinos migrassem para as grandes cidades, porém, ao contrário do primeiro episódio, o governo cearense resolveu se precaver de uma maneira desumana. Desta feita, o governo criou os primeiros currais humanos, campos de concentração em regiões separadas por arames farpados e vigiadas 24 horas por dia por soldados para confinar as almas nordestinas retirantes castigadas pela seca. (Cavalcante, 2015)

Segundo informou os boletins do poder público à época, o objetivo dos campos era evitar que esses refugiados da seca chegassem a Fortaleza, trazendo "o caos, a sujeira, a fome e a miséria". Ou seja, não houve uma verdadeira intenção de atender as necessidades dos que fugiam da miséria, havia sim uma preocupação de proteger os espaços ocupados pela elite cearense e de esconder às margens a penúria da população. Ainda, era possível notar a falha no atendimento aos abrigados nesses locais. Já que à medida que aumentava o número de retirantes, a comida foi proporcionalmente diminuindo, fazendo com que a fome ainda continuasse presente nesses locais, e privilegiados eram os que viviam em pequenas casas improvisadas com divisórias entre uma e outra feitas de zinco.

Esse descaso é evidenciado no livro quando o personagem Chico Bento e sua família, ao chegarem no campo de concentração, se abrigam debaixo do cajueiro e só conseguem um lugar melhor porque Conceição, que tanto ajudava no Campo de Concentração, era comadre de Chico Bento e arranjou uma barraca coberta para eles:

> Foi Conceição quem os descobriu, sentados pensativamente debaixo do cajueiro: Chico Bento com os braços cruzados, e o olhar vago, Cordulina de cócoras segurando um filho, e um outro menino mastigando uma folha, deixando escorrer-lhe pelo canto da boca um fio de saliva esverdeada [...]
> — Compadre, vou ver se arranjo um ranchinho melhor para vocês. Do lado de lá tem assim uma espécie de barraquinha de zinco, onde morava uma velha doente com uma neta. A velha morreu ainda agora, e uma família tomou a menina. É melhor para vocês [...] (Queiroz, 2012, p. 69-70).

Também na obra, a personagem Dona Inácia recebe em sua casa uma retirante que lhe pedia esmola. Ao falar que não tinha comido nada durante o dia, a retirante ouve de dona Inácia a seguinte pergunta e logo após responde: "– E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome!. – Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha!" (Queiroz, 2012, p. 91). A autora se preocupa em destacar nessa conversa entre as personagens que se vendia um discurso na época de que nesses campos de concentração os refugiados eram razoavelmente atendidos, mas que na realidade a miséria ainda imperava.

Portanto, percebe-se que a partir de uma linguagem popular e regional, de uma escrita que pincela com enorme detalhismo variadas cenas e cenários, Rachel faz o leitor se emaranhar numa representação de uma seca cruel e devastadora. Sem diminuir nem aumentar a realidade, mas sendo fiel a ela não medindo as palavras que exprimem a dureza dos fatos que acompanham uma seca.

O iminente casal romântico entre Conceição e Vicente contido no livro não toma a atenção ao ponto de sobrepor o aspecto de denúncia social, muito pelo contrário, é possível observar o tratamento de outra disparidade social abordada a partir dele. Essa disparidade que é utilizada pela personagem Conceição para justificar a si mesma a impossibilidade de se unir a Vicente não é econômica, até porque a família dele aparece na obra como detentora de terras, mas ela é fruto de contextos sociais e culturais distintos, o sertão e a cidade grande.

A autora cumpre com a proposta de apresentar problemáticas de forma passiva, sem fazer julgamentos explicitamente negativos, mas escancarando esses problemas que estavam fortemente presentes no contexto brasileiro na época, tendo evidente preocupação em trazer luz

para tais acontecimentos como questões sociais recorrentes, permitindo que o leitor faça juízo de valor sobre eles.

REFERÊNCIAS

QUEIROZ, Raquel de. O Quinze. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TAMARU, Angela Harumi. A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2004

CAVALCANTE, Talita Lopes. A grande seca do Nordeste. Atualizado em 16 de Dezembro de 2017. Disponível em https://culturapauferrense.blogspot.com/2015/10/brasil-curiosidades-imagens-seculo-xix.html. Acesso em 22/09/2024.

BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.